

# **Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras**

*Elisabete de Paula de Lemos Neris<sup>1</sup>  
Marcia Berselli<sup>2</sup>*

Submetido em: 29/04/2021

Aprovado em: 03/06/2021

**DOI:** 10.5965/2358092525252021210

1. Licencianda em Teatro na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Diretora do grupo Ateliê Coletivo, atriz, diretora e dramaturga. E-mail: elisa291990@hotmail.com

2. Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta do Departamento de Artes Cênicas, Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: marcia.berselli@ufsm.br

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

## RESUMO

Dentre muitas possibilidades abertas pelo modo de organização das e dos artistas em um processo de criação colaborativo, observa-se o desafio de desenvolver uma encenação compartilhando a função de encenadora. O presente trabalho propõe analisar um exercício criativo desenvolvido em componentes curriculares em contexto universitário, problematizando atravessamentos observados em um processo colaborativo dirigido por três encenadoras. Diante de uma encenação compartilhada, são apresentadas considerações sobre o fazer da encenadora destacando as implicações e possibilidades que a função partilhada pode revelar. Como aparato teórico há uma aproximação aos estudos de Fagundes (2009, 2016) e Fischer (2003), dentre outros autores e autoras, para aprofundar as relações sobre aspectos poéticos, éticos e políticos do fazer da encenadora.

**Palavras-chave:** encenação, processos colaborativos, teatro pós-dramático.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

---

## ABSTRACT

Among the many possibilities opened by the way of organizing artists in a collaborative creative process, there is the challenge of developing a staging sharing the director's role. The present work proposes to analyze a creative exercise developed in curricular components in a university context, problematizing crossings observed in a collaborative process directed by three directors. Faced with a shared staging, considerations about the director's actions are presented, highlighting the implications and possibilities that the shared function can reveal. As a theoretical apparatus, there is an approach to the studies of Fagundes (2009, 2016) and Fischer (2003), among other authors, to deepen the relations on poetic, ethical and political aspects of the director's work.

**Keywords:** staging, collaborative process, postdramatic theatre.

## INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios presentes na realização de uma montagem cênica: a necessidade da presença e disponibilidade de atores/atrizes, o gerenciamento dos dias de ensaio, a realização de planejamento e organização de cronograma, a definição de papéis, a marcação de data de ensaio geral e de data de estreia, a produção com escolha do material gráfico e os meios de divulgação assim como a seleção de espaços para compartilhamentos. Para além dessas demandas de cunho organizacional, há aquelas relativas ao campo estético em relação à iluminação, sonoplastia, atmosfera proposta, aos elementos presentes na cena, dramaturgia, figurino, maquiagem, todos em estreita relação com o que se deseja expressar com o acontecimento cênico e para o público a quem esse se dirige. Porém, atravessando as questões organizacionais e estéticas e, implicados em todo o processo de criação, estão os preceitos éticos como políticas internas, próprias da inter-relação do grupo, e aqui, talvez, apresenta-se o maior desafio de um trabalho colaborativo.

O presente artigo busca refletir e debater sobre as atribuições e fazeres da encenadora em um processo colaborativo, tendo como objeto de estudo um acontecimento cênico resultante de um processo colaborativo desenvolvido em ambiente universitário. Como ponto de fricção, serão observadas as relações estabelecidas no processo que teve como diferencial a presença de três estudantes compartilhando a função de encenadoras. As demandas da função serão analisadas levando em conta a especificidade da partilha da encenação, buscando compreender os atravessamentos dessa partilha no processo criativo, suas implicações, possibilidades e desafios. O texto é escrito a quatro mãos, contando em muitos momentos com o uso da primeira pessoa do singular fazendo referência à perspectiva da primeira autora, uma das estudantes-encenadoras do processo a ser analisado. Em outros momentos, assumimos o uso da primeira pessoa do plural, unindo à perspectiva da estudante a perspectiva da professora orientadora do trabalho, segunda autora deste texto. Ainda, escolhemos, a partir de um posicio-

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

namento político, o uso predominante do feminino buscando romper com o padrão normalizador masculino e reconhecer que a escrita parte de mulheres-artistas-professoras-pesquisadoras.

É interesse deste escrito analisar como se desenvolveu a operação de colaboração entre três encenadoras, em um processo de criação fundamentado na horizontalidade de funções, proposta pelo modo de criação colaborativo. Para tal, pretendemos, no intuito de localizar a leitora, direcionar a primeira parte do artigo à contextualização da disciplina, do processo de montagem e dos principais suportes teóricos e procedimentos de criação escolhidos.

Na segunda parte, nos detemos a discorrer sobre o principal interesse deste escrito, analisando as possíveis implicações de uma direção compartilhada em um processo colaborativo conduzido por três encenadoras. A segunda parte é estruturada em três tópicos, abordando considerações sobre o teatro pós-dramático, sobre o modelo de criação colaborativo e, por fim, sobre o ofício de direção na abordagem colaborativa em uma estética compreendida como pós-dramática.

## **PRIMEIROS INDÍCIOS SOBRE O PROCESSO: UMA APROXIMAÇÃO AOS INTERESSES ESTÉTICOS DO COLETIVO E AO CONCEITO DE TEATRO PÓS-DRAMÁTICO**

Ao longo do ano de 2019 partilhamos o desenvolvimento dos componentes curriculares Montagem Teatral I e II, ofertados como disciplinas obrigatórias do curso de Licenciatura em Teatro, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). As disciplinas, conforme suas ementas, propõem elaborar um projeto de montagem e desenvolver um espetáculo teatral contracenado sob direção de uma professora, relacionando o processo criativo do ator à concepção e linguagem do espetáculo, além de desenvolver o trabalho de grupo na criação do espetáculo.<sup>3</sup>

---

3. Conforme ementas das disciplinas, disponíveis em <https://www.ufsm.br/ementario/disciplinas/dac1063> e <https://www.ufsm.br/ementario/disciplinas/dac1064>. Acesso em 29 mar., 2021.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

A professora responsável pela disciplina no ano de 2019 (segunda autora deste escrito) sugeriu que o processo de montagem fosse desenvolvido através de abordagens de criação colaborativa. Após debates, a turma decidiu dialogar com esse modo de organização dos artistas no processo de criação, aproximando-o à perspectiva do teatro pós dramático. Para além da estética e do principal modo de criação, no início do processo foi acordado também, como ponto de partida, a temática de violências/opressões que o corpo sofre nas esferas individual e social. Tendo definidas as fontes de pesquisas, os modos de criação e o tema, estudamos as distinções presentes entre processos colaborativos e processos coletivos.

Concomitantemente a estas compreensões, fomos estabelecendo contato com as diversas funções presentes numa montagem teatral, para escolher com clareza qual a função que cada participante gostaria de pesquisar no processo. Atraída pelo ofício de encenadora, manifestei que esse seria meu local de pesquisa. Outras duas colegas manifestaram o mesmo interesse, e assim começamos uma relação ao participar de um processo colaborativo conduzido por três pessoas.

Essa particularidade da montagem gerou uma grande expectativa e curiosidade. Equivalente ao interesse pela originalidade do trabalho, surgiram as primeiras indagações: concordando que o tema sugerido deveria atravessar o interesse de todas e todos envolvidos no processo criativo, como um trio de encenadoras com diferentes concepções estéticas e bagagens artísticas singulares desenvolveriam uma proposta cênica que contemplasse uma harmonia na identidade estética? Caberia às três encenadoras desenvolver a mesma função frente ao processo colaborativo ou há desdobramentos dentro do mesmo ofício e cada uma deveria seguir uma direção? Muitos são os desafios presentes numa montagem cênica, no entanto, em seis semestres como acadêmica do curso de Licenciatura em Teatro considero que este seja um dos inimagináveis e mais instigantes que tive o privilégio de participar. Nesse sentido, análises de montagens em contexto acadêmico revelam interessantes atravessa-

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

mentos entre desejos e interesses das artistas-professoras em formação e conteúdos curriculares, tanto pelo viés de temáticas quanto de metodologias.<sup>4</sup>

Interessadas em realizar uma montagem que permeasse questões a respeito das diversas violências do corpo, fomentando reflexões e espaço para o debate, escolhemos nos aproximar do conceito de teatro pós-dramático como norteador do processo. Trabalhando sob a perspectiva desse conceito, nossa montagem intitulada *Antes de falar já não se ouve* apresentou cenas que sugeriam diversas leituras, sendo que elas não eram direcionadas a uma estrutura linear. A partir do conceito pós-dramático é possível observar uma mudança no estilo de apresentação, que não busca convencer o público da narrativa de uma personagem, mas, como apresenta Lehmann: “Suas técnicas são mais apresentação do que representação, mais uma exposição astuta das realidades e da criação de teatros de situação do que uma representação das ficções dramáticas sobre eles” (2013, p. 864). Consideramos que o teatro pós-dramático busca proporcionar um encontro de experiências estéticas e sensoriais através da proposta cênica, com maior enfoque nas sensações em detrimento à narrativa.

Interessadas em realizar uma montagem que permeasse questões a respeito das diversas violências do corpo, fomentando reflexões e espaço para o debate, escolhemos nos aproximar do conceito de teatro pós-dramático como norteador do processo. Trabalhando sob a perspectiva desse conceito, nossa montagem intitulada *Antes de falar já não se ouve*<sup>5</sup> apresentou cenas que sugeriam diversas leituras, sendo que elas não eram direcionadas a uma estrutura linear. A partir do conceito

---

4. Citamos alguns desses estudos, possíveis de observação em Vidor; Biscaro (2019) e Carvalho (2012).

5. Ficha técnica: Orientação Marcia Berselli; Abordagem corporal: Amanda Pedrotti, Leo Gonçalves; Atuação: Allan Luidi, Amanda Pedrotti, Evandro Luft, Leo Gonçalves, Mateus Fazzioni, Pâmela Wiersbitzki, Cler Garcia, Shaiane Machado, Vitor Nunes; Dramaturgia: Elisa Lemos, Shaiane Machado; Encenação: Elisa Lemos, Flavia Grützmacher, Giovanna Lopes; Figurino e maquiagem: Mateus Fazzioni, Cler Garcia; Cenografia: Mateus Fazzioni, Leo Gonçalves; Iluminação: Pâmela Wiersbitzki; Auxiliar de direção: Vitor Nunes; Produção: Allan Luidi, Evandro Luft.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

pós-dramático é possível observar uma mudança no estilo de apresentação, que não busca convencer o público da narrativa de uma personagem, mas, como apresenta Lehmann: “Suas técnicas são mais apresentação do que representação, mais uma exposição astuta das realidades e da criação de teatros de situação do que uma representação das ficções dramáticas sobre eles” (2013, p. 864). Consideramos que o teatro pós-dramático busca proporcionar um encontro de experiências estéticas e sensoriais através da proposta cênica, com maior enfoque nas sensações em detrimento à narrativa.

Dentre outras características presentes no que Lehmann nomeou como teatro pós-dramático, cenas de repetições, colagens, rupturas de tempo, assim como uma lógica não linear, aproximações com o onírico, devaneio e cenas não realistas, tornaram-se abordagens de pesquisa. Em Antes de falar já não se ouve algumas dessas características foram incorporadas à montagem. O trabalho foi estruturado através da formação de blocos. Dessa forma tornou-se possível investir em diversas sugestões que o trio de encenadoras considerava pertinente, mas que não dialogaria numa estrutura sequencial do tipo causa-consequência.

[...] Uma realidade básica do teatro pós-dramático é obviamente o desvio da atenção e ênfase na representação – ou *Darstellung* de um trabalho ou processo – para a criação/presentificação como parte de uma situação na qual a relação entre todos os participantes do evento torna-se um objeto importante do conceito artístico e da pesquisa. (LEHMANN, 2013, p. 876)

Assim, a montagem foi estruturada a partir de recortes e colagens de movimentos, gestos, partituras e textos, dessa forma as encenadoras traçaram diversas analogias sem necessariamente haver concordância em relação à intenção da cena. A proposta desenvolveu-se com a formação de três blocos e determinados elementos cênicos predominaram em cada bloco, sendo eles: bloco um - o uso de lanternas, tecido voil e a

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

não identificação dos rostos dos atores (cobertos com o tecido); bloco dois - caixas de papelão e a presença não corporificada de Lui, persona nascida em uma experimentação e que permaneceu em cena sem uma definição sobre quem ou o que era; já no bloco três o que predominava era a utilização de papel kraft. O papel kraft foi usado como cenário, porém no terceiro bloco o cenário era 80% recortado e o papel kraft reutilizado para compor, em cena, parte do figurino dos atores.

Consideramos que trabalhar a partir do procedimento de recorte e colagem foi uma estratégia no desenvolvimento da montagem, pois possibilitou explorar mais abertamente as sugestões de cada uma das encenadoras, assim como dos materiais que surgiam nas propostas realizadas pelas demais colaboradoras e colaboradores. É relevante destacar que no decorrer dos encontros as encenadoras procediam a anotações individuais, registrando o que mais se destacava das propostas criadas. Posteriormente, em reuniões para definir as estruturas das cenas, essas anotações eram expostas e observava-se um diálogo, ou seja, havia a predominância da presença de anotações similares, sem que houvesse qualquer tipo de combinação.

A partir dessa consideração destacamos a importância de compreender, em um processo colaborativo, qual o principal tema que o grupo decide tomar como central no processo criativo, pois ele é um importante norteador do olhar das encenadoras. No entanto, mesmo que curiosamente houvesse a concordância nas anotações sobre os rumos para a criação, as estruturas propostas para montagem das cenas eram diferentes e os primeiros atritos começaram a surgir.

As primeiras reuniões entre as encenadoras, destinadas a definir as propostas que comporiam os blocos, foram recheadas de atritos. Algumas cenas eram inseridas facilmente, no entanto outras eram longamente problematizadas, com divergências sobre sua efetividade. Os repertórios pessoais começavam a se manifestar e a romantização de realizar um processo no qual o coletivo propunha e algumas pessoas definiam foi se desmistificando. A pesquisadora, artista e professora Patrícia

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

Fagundes indica a resistência e fricção como fontes de energia para o processo criativo, retirando a negatividade que cotidianamente colocamos sobre a discordância.

A energia surge da resistência, da fricção: entre os corpos, os desejos, as perspectivas, os pensamentos. Podemos ir mais longe em uma sala de ensaios ao aceitar o conflito como parte da dinâmica da vida e da criação, ao compreender que não temos que estar sempre de acordo para ser cúmplices, ao celebrar a diferença como possibilidade de descoberta de novas perspectivas. (FAGUNDES, 2009, p. 37)

Como ainda predominava uma visão romântica do processo colaborativo, em alguns casos optava-se por postergar a decisão final sobre as cenas longamente discutidas. Assim, elas retornavam ao processo de forma parcial, ou seja, elas eram inseridas para que houvesse nova oportunidade de observar tais cenas e, em reuniões futuras elas eram novamente discutidas.

---

## **DIVERSOS HORIZONTES: AS ESPECIFICIDADES ATRIBUÍDAS À ENCENADORA NO PROCESSO COLABORATIVO**

Como anteriormente apresentado, desenvolvemos a montagem na perspectiva do processo colaborativo. Trazendo uma breve introdução sobre esse modo de organização das e dos artistas em um processo criativo, destacamos que os procedimentos colaborativos surgiram com o desenvolvimento e transformações dos princípios dos processos coletivos, difundidos no Brasil no século XX a partir dos anos 60/70.

Interessadas em realizar um trabalho mais horizontal, diversas companhias de teatro nos anos 60/70 envolveram-se em projetos de cunho coletivo. O modelo hierárquico de centralização das decisões da companhia por uma pessoa, ou por um pequeno grupo de pessoas, não compreendia as necessidades das companhias, que, contrárias a esse posicionamento, passaram a destacar

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

características de coletividade ao repensar a hierarquia entre as funções e seus poderes no processo (FISCHER, 2003).

Aqui julgamos necessário apresentar alguns esclarecimentos diante de diferentes posicionamentos entre processos coletivos e colaborativos, segundo Ary e Santana:

Para fazer o paralelo entre a criação coletiva e o processo colaborativo, as chaves de leitura podem ser: a questão da especialização das funções e as relações hierárquicas. O processo colaborativo possui funções especializadas, apesar da permeabilidade artística amplamente estimulada, e a hierarquia entre estas funciona de modo flutuante, ou seja, cada etapa do processo exige que uma função esteja no foco da criação. (ARY; SANTANA, 2015, p.34)

Na criação colaborativa a função da diretora teatral não mais representa autoridade e decisão individual, ou seja, aquela que determina exclusivamente a concepção cênica, detentora de todas as decisões. Essa abordagem não está presente na perspectiva colaborativa. Nesse modo de organização temos, em contrapartida, a figura de uma criadora que acomoda os elementos da cena, em um arranjo atravessado pelas suas percepções ao ocupar a função partilhando a concepção com o grupo. A encenadora tem sua função redimensionada, de acordo com Fernandes:

[...] o encenador ganha novos atributos. Em primeiro lugar, não lhe pertence a concepção do trabalho. O espetáculo é fruto da concepção coletiva e da contribuição de cada indivíduo em particular. Se ainda cabe ao diretor a organização do todo, esta não visa adequar-se a um projeto anterior com o qual procure harmonizar os elementos da montagem. Ao contrário, cabe a ele dispor, da melhor forma possível, todas as contribuições dos criadores. (FERNANDES, 2000, p. 323 apud FISCHER, 2003, p. 17).

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

Uma característica dos procedimentos colaborativos é o protagonismo das funções, o deslocamento e a flexibilidade das imagens de liderança. Com isso, as fissuras que surgem no decorrer do processo vão sendo trabalhadas de acordo com os agentes criativos que desempenham determinadas funções. Dada suas características na mobilização de hierarquias entre as funções da cena, o modo colaborativo vem sendo colocado em operação no ambiente universitário, em cursos de formação de futuros e futuras artistas-professoras (BERSELLI; TIEPPO, 2020; FAZZIONI et al, 2019; PEREIRA JUNIOR et al, 2017). Em grupos de pesquisa e laboratórios de investigação, sua presença evidencia o interesse desse modo de organização dos e das artistas no processo de criação, em uma interação das áreas de ensino e pesquisa.

Nos processos colaborativos os elementos da cena e seus agentes são convidados a também conduzir o processo, descaracterizando-os como complementos da cena, ou seja, elementos que estão à mercê do texto e/ou da atuação. A independência na pesquisa dos elementos possibilita que a hierarquia das funções esteja em constante movimento. A horizontalidade das funções permite que as decisões tomadas pelas encenadoras contenham em si maior compreensão das possibilidades que cada função sugere.

Pela perspectiva de descentralização, a criação colaborativa promove uma equiparação em importância, espaço, estudo e visibilidade aos diversos elementos que compõem a cena teatral, provocando ao protagonismo as variadas funções que atuam na realização de uma montagem, como apresenta Araújo:

[...] o processo colaborativo constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos. [...] Sua dinâmica des-hierarquizada, mais do que representar uma – ausência – de hierarquia, aponta para um sistema de hierarquias momentâneas, ou flutuantes, localizadas por algum

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

momento em um determinado polo de criação para então, no momento seguinte, mover-se rumo a outro vértice artístico. (ARAÚJO, 2009, p.48/49)

Discorrendo em linhas gerais o conceito e as principais características dos procedimentos colaborativos, assim como a função da diretora nesse perfil de trabalho, problematizamos: com a particularidade da presença de três pessoas executando ao mesmo tempo a função de encenadora, quais são as implicações ao processo de montagem sob essa perspectiva de direção?

## A POÉTICA DOS PARES: SEIS OLHOS E DIVERSOS OLHARES DIANTE DE UM PROCESSO CRIATIVO

Analisando como é turva a compreensão das competências e habilidades atribuídas à função da diretora teatral e percebendo que o próprio desenvolvimento do ofício, num contexto histórico, carece de materiais que apresentam essas atribuições, voltemos nossa atenção ao fazer da direção cênica.

Conforme sugere Soldera, “em considerações gerais o diretor, seria o condutor do processo de criação. Essa condução pode variar de acordo com os objetivos mais ou menos estabelecidos pelo diretor” (2018, p. 02). Nos procedimentos colaborativos a autoria da criação torna-se a fusão das proposições dos agentes, atrelados às escolhas estéticas da encenadora. Portanto, as responsabilidades de criação transitam, de acordo com os elementos e funções presentes, competindo à encenadora organizar a diversidade do material apresentado e levantado no processo, com a influência das proposições e respostas dos demais agentes aos seus estímulos. Segundo Anne Bogart:

Não é responsabilidade do diretor produzir resultados, mas sim, criar as circunstâncias para que algo possa acontecer. Os resultados surgem por si só. Com uma mão firme nas questões específicas e outra estendida

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

para o desconhecido, começa-se o trabalho. (BOGART, 2011, p.125 apud SOLDERA, 2018, p.15)

Podemos considerar que nos processos colaborativos não é apenas a encenadora que garante a concepção da proposta, pois os demais agentes criativos, assim como ela, pensam e sugerem explorações pertinentes à montagem, em diálogo com o tema definido. Entretanto, à encenadora cabe a responsabilidade de preservar a autonomia dos elementos, assim como a valorização das potencialidades distintas que cada agente propõe através de sua pesquisa.

Diante de um processo colaborativo que adquire uma nova dimensão, dada a particularidade da partilha da encenação, participar de uma montagem conduzida por três encenadoras nos possibilitou refletir sobre o quão é necessário desprender-se da sensação de liderança para integrar o modo colaborativo. Inicialmente parece agradável pensar um processo de criação onde todas e todos colaboram e respeitam-se mutuamente, porém, no cotidiano em sala de ensaio é ousado lidar com as pessoas buscando efetivar a horizontalidade. Participar de um processo em que a hierarquia das funções é frequentemente flutuante é um desafio. Mobilizar questões relativas à centralização do poder e a tomadas de decisão é ação complexa pois, entre outros fatores, nos leva a um atrito com modos e meios de relação socialmente construídos e instalados. Fagundes explicita ao destacar:

Ainda que seja frequente o sistema onde o diretor centraliza a responsabilidade do processo criativo, outros modelos são possíveis, e vêm sendo experimentados há décadas, em dinâmicas atravessadas por inquietações éticas e políticas. Os desafios e dificuldades dessas experiências correspondem aos nossos próprios condicionamentos sociais, que de forma macroestrutural nos afastam da convivência com a alteridade, da habilidade de compartilhar responsabilidades e outras práticas relacionais. O desafio não se impõe apenas para quem centraliza o poder, mas também para os que se sentem

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

cômodos e seguros com a centralização de poder em uma figura de autoridade. (FAGUNDES, 2016, p.162)

Percebemos que durante um processo de criação colaborativo cabe à encenadora abdicar da ideia de liderança, porém, também é uma demanda recordar ao coletivo que é necessário um engajamento do grupo para que o processo se efetive, pois todas e todos são responsáveis pelo processo assim como por seu resultado.

No processo de montagem analisado neste artigo houve momentos em que as escolhas de cenas a serem inseridas ou excluídas eram decididas por votação, baseadas em argumentos particulares, com cada encenadora expondo suas justificativas sobre se tal composição deveria manter-se na proposta. Outro momento de divergência, demandando muitos debates, foram as formações dos blocos. Cada encenadora propunha a formação do bloco de acordo com a sequência que organizara, em um segundo momento, após a apresentação das três, definia-se a estrutura do bloco oficial, com inserção de algumas composições parciais, com a junção das decisões das três. Todas as discordâncias eram ouvidas e analisadas em reuniões mensais.

No entanto, somos conscientes de que há poderes envolvidos também nessas decisões do pequeno grupo de encenadoras. Sendo um processo desenvolvido em ambiente acadêmico, o histórico de cada estudante-encenadora, suas experiências anteriores partilhadas e conhecidas pelo grupo, influenciava no capital da encenadora<sup>6</sup> e na adesão ou recusa a seu posicionamento. É complexo compreender como tomamos decisões, uma vez que há o atravessamento dos aspectos sociais, formativos, estéticos e, também, sensíveis. Reconhecemos que a encenadora que havia acumulado mais capital (reconhecido pelo grupo), pelo número de encenações pregressas, contava

---

6. Tratamos capital da encenadora, aqui, tomando como referência o conceito de capital simbólico estabelecido pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1989). Os capitais simbólicos indicam aspectos que permitem o reconhecimento dos agentes sociais a partir dos recursos que estes possuem, neste caso específico da encenadora, recursos culturais e sociais.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

desde o início com um espaço mais confortável para se posicionar perante suas colegas com menos experiência e reconhecimento e, conseqüentemente, menos capital.

Mantendo uma postura de respeito e responsabilidade com a montagem, como encenadora do processo, percebo que o trio passou por um processo de amadurecimento na função da encenação e na tomada de decisão em coletivo. Nas primeiras reuniões era frustrante não conseguir manter uma cena ou deparar-me com a inclusão de uma cena que não considerava pertinente. Com o decorrer das reuniões foi possível observar que as discussões eram importantes, mas, que o processo estava em desenvolvimento e que um fragmento não deveria ser centralizador do encontro ou processo. Ou seja, as três trabalhávamos na perspectiva de recortes e colagens, assim, não seria coerente que um fragmento fosse capaz de desconstituir a potencialidade do todo. Dessa forma, foi possível reconhecer que algumas discussões se davam mais para validar nossa autoridade do que por necessidade de permanência ou exclusão de alguma cena ou composição.

O processo colaborativo exige um alargamento do olhar da encenadora, um desprendimento em relação a certezas e um distanciamento crítico para a compreensão do que é indispensável à montagem e daquilo que tem valor afetivo a partir de experiências próprias e particulares que não serão acessadas pelas colegas. Diante de um processo em que se busca a horizontalidade das funções e a flutuação das hierarquias, os repertórios pessoais de cada participante estão mais presentes e expostos. Durante o processo, o cruzamento com diferentes campos das artes se revela, uma vez que as influências pessoais na escolha das diferentes funções são acessadas e inseridas a partir de cada agente e sua contribuição.

Dessa forma, acreditamos ser fundamental libertar-se das inclinações egoístas ou autoritárias de direção, reconhecendo que estar disponível a propostas que contemplem o coletivo (talvez não na mesma medida, pois há limitações intransponíveis) faz parte da função na perspectiva colaborativa.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

Assim, não devemos supor que encontro e colaboração significam harmonia absoluta e, sim, uma espécie de “harmonia contraditória [...]”. A convivência é uma zona instável, as relações são fenômenos delicados. O desafio é descobrir as maneiras de negociar com as fragilidades, necessidades, sensibilidades e problemas de nós mesmos e dos demais, em uma dinâmica de um equilíbrio sempre precário, sempre em movimento. (FAGUNDES, 2009, p.38)

Ao longo do processo foi possível observar que características distintas entre as três encenadoras estiveram presentes na condução das pesquisas de criações e retomadas. Uma das encenadoras era mais reservada diante do grupo, ela não se manifestava constantemente, apresentava questões pontuais e objetivas, dando atenção aos detalhes pontualmente. Eu e a outra encenadora dividíamos a função de transmitir as decisões aos demais agentes e nos envolvíamos mais diretamente nas criações e retomadas, no entanto ainda com distinções. Muitas vezes o encontro sugeria direcionamento e as outras duas encenadoras colocavam-se pouco, omitindo-se de dar indicações. Esse fato levou atrizes e atores a manifestarem incômodo com as indecisões, o que, por sua vez, me motivou a assumir de modo mais individual a condução na sala de ensaio. Esta talvez seja uma das questões a aprofundar sobre o processo colaborativo: o difícil equilíbrio entre características pessoais e as demandas do coletivo.

---

## **ENCENAÇÃO PARTILHADA, SINGULARIDADES PRESENTES: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após alguns meses do desenvolvimento do processo, com o distanciamento e olhar transformado, maturação característica da passagem do tempo entre a vivência de um processo criativo e o hiato após os compartilhamentos públicos do acontecimento cênico, pensamos ser possível nos aventurarmos na resposta à questão que apresentamos no início do artigo.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

Caberia às três encenadoras desenvolver a mesma função frente ao processo colaborativo ou há desdobramentos dentro do mesmo ofício e cada uma deveria seguir uma direção? Ainda que desempenhando a mesma função, reconhecemos que as características pessoais das encenadoras influenciaram no desenvolvimento do trabalho.

As três encenadoras desempenharam de modos diferentes a função, cada uma concentrando-se em determinada esfera do trabalho de direção. Embora ocupando a mesma função, cada estudante-encenadora estava operando seus modos de fazer em pesquisas e explorações diferentes. Essa observação leva ao reconhecimento de que todas as envolvidas em um processo de criação têm interesses, não somos pessoas isentas e indistintas e os interesses, mesmo que não apresentados inicialmente, vão se revelando durante o processo.

Cada encenadora no processo de montagem de Antes de falar já não se ouve acabou estabelecendo um diálogo com determinada função, inclusive ocupando funções extras. Nos momentos dos compartilhamentos, uma das encenadoras prestava auxílio técnico à iluminação, outra responsabilizava-se por executar a trilha sonora, sendo que apenas uma das encenadoras conseguia observar toda a montagem sem demais atribuições.

Compreendendo que o olhar atento no momento do compartilhamento é fundamental e relaciona-se diretamente à função de encenadora, também problematizamos se apenas uma das encenadoras estaria desempenhando o ofício específico, dado que apenas uma conseguia ocupar-se em ver a montagem na íntegra. Esse questionamento surge como resposta para uma das primeiras indagações feitas neste escrito, uma vez que com o desenvolvimento do processo necessidades específicas se fizeram presentes fazendo com que nas atribuições iniciais de uma função fossem promovidos desdobramentos.

Perceber que um processo colaborativo apresenta uma multiplicidade de funções que integram a realização de uma montagem, não garante que todas as funções sejam ocupadas, no nosso caso, não havia nenhum agente propondo criativamente a sonoplastia, o que levou a que ela fosse incluída

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

pelas encenadoras com propostas de trilhas durante o processo de criação e as definições dos blocos da montagem. Essas atribuições que não estão inclusas no ofício de encenadora, foram ocupadas e preenchidas por elas neste processo, por considerar que a encenadora lida diretamente com todas as funções disponibilizando-se, então, a ocupar as lacunas presentes durante o processo de montagem.

Diante das particularidades do trabalho da encenadora, em um processo criativo em que tal função é partilhada, é possível questionar o próprio ofício, indagando quais as possibilidades colaborativas em uma mesma função que tem em seu cerne o agenciamento de todos os elementos da cena. Atrelada a essa questão está a necessidade de dialogar constantemente sobre as decisões, manter presente a abordagem do discurso democrático, estabelecendo relações horizontais, reconhecendo a escuta e os pontos de vista das demais encenadoras. A esses aspectos se une a necessidade de que as materialidades sejam evidenciadas, realizando a composição das cenas a partir de preceitos colaborativos fundados na visibilidade das etapas do processo, de seus recursos e limitações, tornando a montagem um produto do coletivo, um conjunto composto da fusão das ideias de todas as pessoas envolvidas.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo como modo de criação. **Revista Olhares**, São Paulo, n.01, p. 48-51, 2009. Disponível em: <https://www.olhairesceliahelena.com.br/index.php/olhares/article/view/8>. Acesso em: 09 abr. 2021.
- ARY, Rafael. SANTANA, Mario. Da criação coletiva ao processo colaborativo. **Pitágoras 500**, São Paulo, vol. 9, p. 23-42, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8647190>. Acesso em: 09 abr. 2021.
- BERSELLI, Marcia; BRESSAN, Vanessa C.; TIEPPO, Juliana G.; SOLDERA, Natália P. Processo colaborativo e a busca pela horizontalidade das relações entre as funções da cena: procedimentos, práticas e estratégias de criação. **Conceição | Concept**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 90-115, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8650145>. Acesso em: 09 abr. 2021.
- BERSELLI, Marcia; TIEPPO, Juliana Gedoz. A abordagem de criação e o compartilhamento da função da encenação em um processo colaborativo. **Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 213-227, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/54514>. Acesso em 05 jun. 2021.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. [Trad. de Fernando Tomaz]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARVALHO, Marcelo Braga de. Processo de Formação do Ator e Montagem Teatral como Prática Pedagógica: Uma Abordagem Segundo Myrian Muniz. **Revista Aspás**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 32-37, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/62870>. Acesso em: 5 jun. 2021.
- FAGUNDES, Patrícia. O diretor como artista relacional. **Cena**, Porto Alegre, n.20, p. 159-167, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/61158>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

FAGUNDES, Patrícia. O teatro como um estado de encontro. **Cena**, Porto Alegre, n.7, p. 31-41, 2009. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11156>. Acesso em: 09 abr. 2021.

FAZZIONI, Mateus Junior; BERSELLI, Marcia; PEREIRA, Diego de Medeiros. “Não há ninguém”: violências contemporâneas e lugares de fala na cena performática. **Cena**, Porto Alegre, n. 29, p. 78-89, 2019. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/92684>. Acesso em 05 jun. 2021.

FISCHER, Stella. **Processo colaborativo: experiências de companhias teatrais brasileiras nos anos 90**. 2003. 231f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. São Paulo, 2003.

LEHMANN, Hans-Thies. **O teatro pós-dramático**. [Trad. Pedro Sussekind]. São Paulo: Cosac e Naify, 2007.

LEHMANN, Hans-Thies. Teatro Pós-dramático, doze anos depois. **Rev. Bras. Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 3, n. 3, p. 859-878, set./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/presenca/article/view/39703>. Acesso em: 09 abr. 2021.

PEREIRA JUNIOR, Mario Celso; SILVA, Juliana Caroline; GIMMLER NETTO, Maria Amélia; VIEIRA FERNANDES, Fernanda. Processo Colaborativo de Criação em Combate: diálogo entre teoria e prática mediante relatos de experiências. **RELACult** - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, Foz do Iguaçu, v. 3, n. 2, p. 44-53, 2017. Disponível em: <https://periodicos.laec.org/index.php/relacult/article/view/409>. Acesso em: 5 jun. 2021.

SOLDERA, Natalia. O papel do diretor de teatro no processo de criação de cenas plurais. **Revista da Fundarte**, Montenegro, nº 35, p. 126-142, 2018. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/458>. Acesso em: 09 abr. 2021.

Implicações e desdobramentos de uma direção compartilhada: apontamentos a partir de um processo de criação em modo colaborativo conduzido por três encenadoras

TORRES, Walter Lima. Os diferentes processos de encenação e as diferentes acepções do encenador. **Repertório: Teatro e Dança**, Salvador, v. 12, n.13, p. 34-47, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4011>. Acesso em: 09 abr. 2021.

VIDOR, Heloise Baurich; BISCARO, Bárbara. Coro dos Maus Alunos – notas de um processo de montagem. **Urdimento** - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 34, p. 006-018, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101342019006>. Acesso em: 5 jun. 2021.